

EDIMBURGO... MEU AMOR.**EDINBURGH... MY LOVE**Jane Chris Pereira¹

Meus desdobramentos, uma beleza! Quando acordo, um questionário desgastado e débil me impedindo de me sentar, qualquer coisa... Ouvir Marlene Dietrich, limpando a casa da fazenda... era fácil quebrar cada pedra dura demais. Eu navego por mil lugares de verdade. Papai toda a vida, me perguntando: O que busca, minha filha? Já respondi tudo para o meu pai. De mim, sei do que não posso controlar. Meus desdobramentos, umas belezas! Tudo calmo, tudo borbulhando equilíbrio. De repente, nenhum equilíbrio é plácido e claro. De repente, a minha felicidade me fisga onde eu não estou, sempre ali, um pouco adiante. O equilíbrio, essa tênue e frágil oscilação entre o que começo eternamente a delinear e essa torrente que arranca minhas mãos e me quebra contra o rochedo mais acabado. É assim. Como aquela minha lágrima que você bebeu. Como aquele teu sólido corpo, ali, parado, correndo para mim. Eu estava linda, você disse! Tinha olhos de noite. O equilíbrio numa fissura do tempo. Suspensos naquele bar, numa simetria de “olhar beijando os olhos”. Os defeitos, pilares imprescindíveis de personalidades gritando de sonhos. De mãos dadas, andamos todos os dias em flores, outonos multicores, horas cinzas de alegria. Cada corrida, sorrindo de mãos dadas. Cada beco descoberto em linhas inéditas. Cada susto de encontrar algo, uma imagem, uma forma de mil anos que já vivia em nós. Aquelas ruas tão estreitas sempre estiveram ali, reverberando nossas risadas de ecos ancestrais. Nossa fantasia tão acomodada no dia-a-dia que era noite-a-dia, noite-a-sol, névoa-a-névoa, princesa-a-poeta, amor-a-infinito. Nossos quartos nunca tiveram teto, lembra? Deixávamos que tudo caísse, ali, juntos da gente. Pássaros perdidos, só em cima do nosso teto aberto para sempre, soltavam sons mitológicos, agradeciam os nossos rituais importantes. Semideuses, eles gritavam! E voavam para a direção que escolhiam. Livres. As escolhas sempre são as mais perfeitamente corretas. Me inscrevi em cada desejo de nós dois. Vasculhei os meus eus, rasgando minhas malhas mais caras. Nossa liberdade foi sendo desenhada a cada

¹ janechrisp@yahoo.com.br

pedaço tão calmamente: na nossa solidão inexorável, na nossa alegria incontida, na nossa dor nunca humilhada. No tempo, duas vezes te vi. Nos agredimos profundamente com tanto amor. Encontramos epifanias feitas só p nós. Todos os nossos sabores sem receios. Teu mel sempre a melhorar a minha tez. Tua palavra me atravessando bem lentamente. Sabia. Um dia sempre estaríamos, ali, fora do mundo.